

REFLEXÕES ACERCA DAS IDEIAS DE FERDINAND DE SAUSSURE: UMA COMPARAÇÃO

Angela Maria ROSSI*

Daiane Aline KUMMER**

Maísa Helena BRUM***

Pâmela Mariel MARQUES****

RESUMO

As ideias de Ferdinand de Saussure têm influenciado os estudos linguísticos desde a publicação do *Curso de Linguística Geral*, em 1916, pelos organizadores Bally e Sechehaye. No ano de 2004, outra obra, *Escritos de Linguística Geral*, também sobre as ideias de Saussure, foi publicada, após a descoberta de seus manuscritos. Nesse sentido, este estudo procura refletir e discutir, ainda que de maneira sucinta, sobre os pontos de contato entre essas duas obras, focalizando principalmente nas questões sobre língua, linguagem e valor linguístico. Acreditamos que este trabalho possa promover reflexões sobre as duas publicações que podem enriquecer os estudos da linguagem.

Palavras-chave: Saussure; Linguagem; Valor.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As ideias saussurianas permeiam os estudos atuais sobre linguagem e foram reconhecidas a partir da publicação do *Curso de Linguística Geral* (doravante CLG). Essa obra foi publicada após a morte de Ferdinand de Saussure em 1913, se caracterizando como uma obra póstuma ao autor. O CLG é baseado em anotações de alunos que frequentaram os três cursos de Linguística Geral ministrados na Universidade de Genebra entre os anos de 1907 e 1911. Essas anotações foram organizadas e editadas por Charles Bally e Albert Sechehaye, como explica Silveira (2009, p. 40) “tal livro é resultado de uma edição que os alunos de Saussure –

* Universidade Federal de Santa Maria

E-mail: angularossim@gmail.com

** Universidade Federal de Santa Maria

E-mail: daianekummer@hotmail.com

*** Universidade Federal de Santa Maria

E-mail: maisahbrum@gmail.com

**** Universidade Federal de Santa Maria

E-mail: canoniza@yahoo.com.br

Sechehaye e Bally – fizeram de alguns de seus manuscritos [...] e das anotações que seus alunos fizeram durante os cursos a que assistiram”.

No entanto, ressalta-se que “ao que tudo indica, Saussure teria deixado de publicar o *CLG* devido à inquietação que suas ideias poderiam provocar” (SAUSSURE et al, 1978, p. VII), o que, conseqüentemente, suscitou diversas questões sobre essa publicação. Podemos perguntar, então, qual é o papel do *CLG* para a Linguística? Segundo Bouquet (2009, p. 161), o *CLG* se “constituiu numa obra que fundou a Linguística e serviu de modelo de cientificidade para as demais Ciências Humanas”. Assim, a partir do *CLG* há uma mudança de perspectiva, do comparativismo para uma ciência linguística, com o intuito de definir um objeto para tal ciência (SAUSSURE, 2012).

Neste sentido, podemos questionar ainda em que medida o *CLG* é fiel às convicções de Saussure? Essa era, e ainda é, a crítica que alguns linguistas fazem para o *CLG* uma vez que os próprios organizadores, Bally e Sechehaye, pontuam a dificuldade de reunir as anotações dos alunos de Saussure e, depois, de reconstituir as ideias do linguista em um livro (SAUSSURE, 2012). Entretanto, mesmo com as críticas, o *CLG* não pode ser desconsiderado, pois isso implicaria “em desqualificar tais leituras e seus efeitos” (SILVEIRA, 2009, p. 40) para a Linguística atual.

Anos depois da primeira publicação do *CLG*, outra obra que reúne as ideias de Saussure é publicada, *Escritos de Linguística Geral* (ELG) (SAUSSURE, 2002), a qual também contribuiu para as críticas ao *CLG*. Essa publicação foi organizada por Simon Bouquet e Rudolf Engler (2002) e reúne diversos manuscritos de autoria de Saussure, os quais também podem ser encontrados na Biblioteca pública e universitária de Genebra. A compilação desses manuscritos, assim como o *CLG*, provoca certa consternação por parte de alguns estudiosos, visto que algumas rasuras de Saussure contidas nos documentos podem ter sido omitidas ou editadas pelos organizadores do livro a fim de suprimir possíveis dificuldades na leitura desses, como destaca Vinhais (2010, p. 4):

[...] para Silveira (2007), a opção de Bouquet em publicar este livro [ELG] consistiu em eliminar as dificuldades e os impasses emergidos pelas rasuras, restando a sensação de que, de alguma forma, houve uma edição por parte dos editores.

Há necessidade, nesse sentido, de se pensar como ler tais textos, visto as frequentes críticas a ambos, além da confusão “quanto às diferenças entre os textos originais e o *Curso de Linguística Geral*” (BOUQUET, 2009, p. 162). Segundo o ELG, essa obra se aproximaria mais das ideias de Saussure, sendo menos categórica do que o CLG, na medida em que apresenta as dúvidas sobre pontos cruciais de Saussure por meio de algumas rasuras (SAUSSURE, 2002). Desse modo, busca-se refletir e discutir sobre as publicações *CLG* e *ELG* a partir conceitos chaves com relação às ideias de Saussure: língua e linguagem e valor linguístico. Intentamos contribuir para os estudos linguísticos, uma vez que Saussure, apesar das divergências entre diversos autores, é considerado por muitos como o “pai” da Linguística.

LÍNGUA E LINGUAGEM

Nesta seção, trataremos de dois conceitos-chave que permitem um olhar diferenciado no espaço científico em relação à Linguística: língua e linguagem. Esses conceitos nortearam as reflexões de Saussure e ainda promovem muitas discussões acerca das definições saussurianas atribuídas a elas. Rodrigues (2008, p. 4) destaca que “Saussure buscou encontrar um método que permitisse ao mesmo tempo o rigor e o estudo indutivo, com a definição precisa do objeto (a língua), elevaria os estudos da linguagem à categoria científica”.

Neste sentido, o capítulo “Objeto da Linguística Geral” do CLG demonstra a intenção Saussure de definir um objeto ao iniciar o capítulo com um questionamento essencial para a linguística: “Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto, da Linguística?” (SAUSSURE, 2012, p. 39). Tal questão permitiu esclarecer que o “fenômeno linguístico apresenta duas faces que se correspondem e das quais uma não se vale senão pela outra” (SAUSSURE, 2012, p. 39): a língua e a fala. Destacamos, deste modo, uma dessas faces: a língua, a fim de observar como o ELG e o CLG a definem.

O CLG ainda postula a Linguística como a ciência da linguagem, definindo seu objeto único: “ela [a língua] é um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem” (SAUSSURE, 2012, p. 46). Nessa mesma perspectiva, vários argumentos são apresentados no CLG que definem a língua como objeto: é uma parte da linguagem, um produto social, é autônoma, é um sistema com uma norma que se

manifesta da linguagem, assim podendo ser estudada cientificamente (SAUSSURE, 2012).

Do mesmo modo, a língua é também concebida como “um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício” da faculdade da linguagem nos indivíduos (SAUSSURE, 2012, p. 41), ponto reforçado pelo ELG. Nessa publicação, a língua é referida como parte da linguagem, entendendo o “sujeito falante seja como ser humano seja como ser social” (SAUSSURE, 2002, p. 116). A linguagem, neste sentido, é concebida como “um fenômeno. É o exercício de uma faculdade que existe no homem” (SAUSSURE, 2002, p. 116), um “órgão especial preparad[o] pela natureza” (SAUSSURE, 2002, p. 154). Tal definição está diretamente associada à concepção expressa no CLG, “a linguagem repousa numa faculdade que nos é dada pela natureza” (SAUSSURE, 2012, p. 41).

Podemos observar, então, que um dos aspectos convergentes entre ambas as obras, CLG e ELG, é o conceito de língua atrelado ao social. No ELG, a língua é concebida como “um conjunto de formas concordantes que esse fenômeno assume numa coletividade de indivíduos e numa época determinada” (SAUSSURE, 2002, p. 115). Ao encontro dessa definição, no CLG, a língua se consolida em uma estrutura social cujo aspecto histórico é traçado por ela mesma, “não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente” (SAUSSURE, 2012, p. 41), embora seja inerente a ela.

Ademais, para o CLG, a língua é “exterior ao indivíduo, que por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la” (SAUSSURE, 2012, p. 46). Assim, também no ELG, observamos um destaque para a língua como exterior ao indivíduo: “a língua não está naquilo que nos interessa no indivíduo, mas naquilo que nos interessa antropológicamente” (SAUSSURE, 2002, p. 247). Nesse trecho, parece que a intenção é conhecer a filogênese da língua, isto é, a questão social e principalmente histórica que contribuiu para sua existência/evolução.

Outra definição significativa para a língua sugere que ela “não está no que nos parece indispensável para produzi-la, jogo de órgãos vocais ou convenções da espécie voluntária” (SAUSSURE, 2002, p. 248). Nota-se, então, que a importância da língua está muito além de sua fisiologia, como reforçado pelo CLG, segundo o qual, seria inadequado “reduzir a língua (somente) ao som” (SAUSSURE, 2012, p. 40).

Por outro lado, um aspecto divergente entre as duas obras é a abordagem quanto à divisão da linguagem. O CLG divide a linguagem em duas partes, uma como lado individual, sendo a *fala*, e outra como social, a *língua*. No entanto, essa divisão parece não ser tão categórica no ELG, como pode ser perceber pela ideia de que não se pode “pronunciar a palavra língua, ou linguagem, sem que se tenha, antes, que verificar o equívoco possível entre língua e transmissão da língua” (SAUSSURE, 2002, p. 79). Como visto, a diferença entre língua e fala é mais sutil no ELG, enquanto que no CLG, “a língua, distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente.” (SAUSSURE, 2012, p. 46) sendo assim considerada como objeto de análise da teoria saussuriana.

O valor linguístico

Para iniciar esta seção é preciso retomar alguns pontos sobre a língua, discutidos na seção anterior. A língua é social, ou seja, compartilhada por uma coletividade, é um “sistema de signos” (SAUSSURE, 2012, p. 47) comum entre os falantes dessa língua, é “patrimônio de uma coletividade” (SAUSSURE, 2002, p. 248). Dessa forma, segundo o CLG, considerar a língua somente uma nomenclatura é questionável e uma visão simplista. Portanto, ao definir a língua como um “sistema de signos, em que, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica” (SAUSSURE, 2012, p. 46), percebemos que a unidade linguística é composta de dois termos, mais especificamente, “combinação do conceito e uma imagem acústica”, um significado e um significante (SAUSSURE, 2012, p. 107).

Essa união de dois termos, significado e significante, a fim de constituir um signo linguístico, e conseqüentemente, um sistema, é enfatizada tanto no CLG quanto no ELG. Esse último salienta que “uma língua existe se à m+e+r, se vincula uma ideia” (SAUSSURE, 2002, p. 23), que o “sistema consiste em uma diferença confusa de ideias que se movem sobre a superfície de uma diferença [...] de formas” (SAUSSURE, 2002, p. 75). Assim, percebe-se que ambas as obras pontuam a necessidade desse vínculo, seja entre um som e uma ideia, entre um conceito e uma imagem acústica, ou entre um significado e um significante, uma vez que sem essa união não há uma possibilidade de existência da entidade linguística:

[...] mesmo reduzida à sua mais simples expressão, ela exige que se leve em conta, ao mesmo tempo, um signo e uma significação, e que contestar essa dualidade ou esquecê-la equivale diretamente a privá-la de sua existência (SAUSSURE, 2002, p. 23).

Ou seja, há uma ligação entre dois termos necessária para a existência da entidade linguística. Observemos ainda que CLG sugere que

[a] língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e som o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som (SAUSSURE, 2012, p. 159).

Entretanto, mesmo com a necessidade dessa união, o CLG destaca que um signo linguístico não pode ser considerado simplesmente como a união de uma imagem acústica com um conceito, “defini-lo assim seria isolá-lo do sistema do qual faz parte” (SAUSSURE, 2012, p. 160). Sendo, nesse sentido, necessário partir do sistema do qual um signo faz parte e analisa-lo a partir das relações entre esse e os outros termos. Dessa forma,

[u]m sistema linguístico é uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de ideias; mas essa confrontação de um certo número de signos acústicos com outras tantas divisões feitas na massa do pensamento engendra um sistema de valores (SAUSSURE, 2012, p. 168).

Percebemos a língua definida, então, como um “sistema de valores puros”, sendo nas relações com os outros signos que se dá o valor de um termo, ou seja, “num estado da língua, tudo se baseia em relações” (SAUSSURE, 2012, p. 171). Assim também, no ELG os valores que compõem o sistema da língua “não consistem nem nas formas nem nos sentidos, nem nos signos nem nas significações. Eles consistem na solução particular de uma certa relação geral entre os signos e as significações” (SAUSSURE, 2002, p. 31).

Além disso, essas relações que ocorrem nas diferenças entre os signos e as significações estão atreladas a um aspecto histórico, ou seja, às convenções estabelecidas pela coletividade. Conforme apresenta o CLG,

[...] a coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja (SAUSSURE, 2012, p. 132).

Essas relações podem ser exemplificadas pela metáfora do jogo de xadrez, mencionada em ambas as publicações: em um jogo de xadrez, tal como na língua, não faz sentido considerar uma peça/elemento fora do jogo/língua, isto é, cada peça/elemento “vale por oposição às outras, segundo certas convenções” (SAUSSURE, 2002, p. 63). Dessa maneira, não se pode considerar uma peça fora do jogo, pois quando se considera verdadeiramente a língua é necessário considerar os seus elementos apoiados na coletividade, e não “cada elemento por si mesmo” (SAUSSURE, 2002, p. 63). Assim, também podemos observar no CLG: “o valor respectivo das peças depende de sua posição no tabuleiro, do mesmo modo que na língua cada termo tem seu valor por oposição aos outros termos” (SAUSSURE, 2012, p. 130).

Nesse sentido, questionamos: em que medida, os valores atribuídos aos signos são recorrentes em um sistema? No ELG, a língua é comparada a um barco, ou seja, a língua

[...] não é um barco no estaleiro, mas um barco lançado ao mar. Desde o instante em que ele tem contato com o mar, é inútil pensar que é possível prever seu curso sob o pretexto de que se conhece exatamente as estruturas que ele se compõe, sua construção segundo o plano (SAUSSURE, 2002, p. 248).

Ou seja, os valores dos signos não são necessariamente estanques, eles podem ser modificados uma vez que são postos por meio da coletividade e suas convenções. Destacamos que a teoria do valor é essencial para os estudos de Saussure, uma vez que conecta diversos aspectos de sua teoria, como a língua, a coletividade, a parte social, a mutabilidade e imutabilidade do signo, as relações sintagmáticas e associativas.

Salientamos que nas duas publicações dos estudos de Saussure, discutidas neste artigo, percebemos que as ideias se aproximam, porém parece haver uma maior preocupação no ELG em abordar a questão da coletividade relacionada à teoria do valor. Diferentemente, no CLG, que é uma reconstituição das ideias de Saussure, acreditamos que o aspecto da coletividade pode ter sido de certa maneira resumido a fim de melhor sistematizar as ideias de Saussure.

A seguir destacamos as Considerações finais deste trabalho a fim de apontar algumas reflexões quanto às obras discutidas aqui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões acerca da linguagem são infinitas e continuam a gerar discussões em várias áreas do conhecimento. Esse fato ocorre pela pluralidade de relações que podemos suscitar a cada leitura (releitura) que fazemos dos textos, o que nos permite chegar a novas conclusões, e principalmente diversas interrogações e novos olhares sobre o texto.

É a partir desse viés que refletimos/discutimos/relemos (sobre) as obras póstumas de Ferdinand de Saussure. Embora existam tantas críticas acerca das suas obras, foi a partir delas que a Linguística se transformou; pesquisas, discussões, análises foram propostas por diversos pesquisadores que se interessaram em estudar a língua em suas diversas facetas.

Ao refletir e discutir sobre o *Curso de Linguística Geral* e sobre os *Escritos de Linguística Geral*, neste trabalho, pudemos perceber que apesar das críticas e diferenças salientadas em diversos estudos, concluímos que há convergências e divergências entre as obras. As convergências, no entanto, são salientadas especificamente no que tange a definição de língua como um produto social bem como na preocupação de estudar a língua enquanto um objeto científico. Sendo assim, a língua é compreendida como um sistema de signos, que se constitui das diferenças (SAUSSURE, 2002/2012). É nessa diferença que o valor se estabelece para de uma forma singular e permitir ao indivíduo agir socialmente e fazer parte da coletividade pela/na linguagem.

As diferenças entre as obras são sutis e, portanto, vale lembrar que principalmente pela importância dessas duas obras para a Linguística, nenhuma das duas deve ser desconsiderada. Não há como argumentar sobre a Linguística sem mencionar as ideias de Saussure que proporcionaram uma revolução no mundo da linguagem, “não há um só linguista hoje que não lhe deva algo” (BENVENISTE, 1991, p. 34). Embora não saibamos em que medida as obras representem fielmente as inquietações de Saussure, as reflexões apresentadas por meio delas são valiosas para o campo da Linguística, a qual passa por dificuldades muitas vezes no que tange ao seu reconhecimento como ciência, principalmente quando comparada a outros âmbitos do conhecimento científico. Buscamos, por isso, comparar conceitos fundamentais – língua e linguagem, e valor

linguístico - a fim de compreender melhor e promover o conhecimento dos estudos linguísticos em direção a uma leitura curiosa diante de duas fontes tão importantes no cenário dos estudos linguísticos.

A complexidade das inquietações de Saussure em relação à linguagem e todos os conceitos atrelados à mesma permitem que muitos questionamentos surjam, mas afinal o que move o conhecimento científico é justamente esse questionamento. Logo, a tarefa árdua de refletirmos em tais conceitos essencialmente quando pensamos em duas referências tão importantes dos estudos linguísticos como o CLG e os ELG. Esta (re)leitura teórica parece promover um novo olhar sobre os estudos e conceitos saussurianos, visto que nos deparamos com um Saussure que não pertence ao CLG nem aos ELG, sendo possível pensar em duas leituras que se somam e enriquecem os estudos da linguagem.

REFLECTIONS ON FERNDINAND DE SAUSSURE'S IDEAS: A COMPARISON

ABSTRACT

The ideas of Ferdinand de Saussure have influenced the linguistic studies since the publication of the *Curso de Linguística Geral* (CLG), in 1916, by the organizers Bally and Sechehaye. In 2004, another work, *Escritos de Linguística Geral*, also about Saussure's ideas, was published, after the finding of his manuscripts. In this sense, this study seeks to reflect and discuss, in a concise way, about the interconnections between these two works, focusing mainly on issues of language and linguistic value. We believe that this study can promote reflections on these two publications that can enrich the language studies.

Keywords: Saussure; Language; Value.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral I*. 3. ed São Paulo: Pontes, 1991.

BOUQUET, S. De um pseudo-Saussure aos textos saussureanos originais, *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 25, n. 1, p. 161-175, 2009.

RODRIGUES, R. S. V. Saussure e a definição da língua como objeto de estudos. *ReVEL*, Edição especial, n. 2, Goiás, 2008.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 34. ed. São Paulo: Cultrix. 2012.

_____. et al. *Textos selecionados*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix. 2002.

SILVEIRA, E. M. A teoria do valor no Curso de Linguística Geral, *Letras & Letras*, Uberlândia. v. 25, n. 1., p. 39-54, 2009.

VINHAIS, E. A. Saussure: uma teoria e dois destinos? *Revista Eutomia*, Pernambuco, v. 6, n. 2, 2010.